

SOMBRAS E LUZES DO IMPÉRIO

Edgar Valles

NÃO-FICÇÃO · HISTÓRIA

ÍNDICE

PREFÁCIO	9
INTRODUÇÃO	15
PARTE I: GOA E ANGOLA	17
1. A viagem	19
2. O boato	23
3. O brinde	27
4. Um punhado de arroz.	33
5. Luisinho: «doutor» sem glória	37
6. Viagem sem retorno	43
7. O donativo	47
8. Necessário corretivo: qual?	51
9. O médico	55
10. Vida nos trópicos	59
11. Alcinhas.	63
12. Línguas	65
13. A jangada	69
14. Poeta.	71
15. Guerra do Biafra: contra a corrente	75
16. Musseques	79
17. Os contratados.	83
18. A partida.	87

PARTE II: PORTUGAL (ATÉ AO 25 DE ABRIL)	91
19. Colégio Pio XII	93
20. A cantina	97
21. O pistoleiro	101
22. Os ideais.	105
23. Cidadãos do mundo	109
24. A associação	113
25. O «salto».	119
26. No partido	125
27. A organização partidária.	131
28. Livros proibidos	135
29. Os duplicadores	141
30. Os tarefeiros	145
31. Os pides	151
32. O abaixo-assinado	155
33. Estudar, para quê?	159
34. O 25 de Abril	163

PREFÁCIO

O meu amigo Edgar Valles lançou-me o desafio de escrever um pequeno prefácio para o seu livro de histórias intitulado *Sombras e Luzes do Império*.

É um desafio, um convite, honroso e prazeroso para mim. Até porque, antes de mais, me deu o gosto de ler os textos que juntou neste livro. Li, gostei, e é, diz-me o Edgar, por enquanto, só o primeiro de outros que darão continuidade a estas histórias. Todas ligadas à nossa história vivida de país, povo, império e, findo este, de um Portugal democrático.

O Edgar e eu conhecemo-nos na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa no século passado, quando por lá andámos. Onde eu, sendo mais velho do que ele, já lá estava quando ele entrou. Éramos ambos de uma categoria ainda hoje cheia de significado político, existencial e afectivo: os «associativos». Foi, portanto, na Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa (AAFDDL) que nos conhecemos. E por onde estivemos até que ela foi encerrada pela polícia a mando do Governo e das Autoridades Académicas.

A AAFDDL foi depois transformada num quartel de «gorilas». Umhas espadaúdas personagens vindas na sua maioria da Guerra Colonial. Foram então chamados a manter a «ordem» na Escola onde era suposto serem ensinadas as regras do Direito. Uma saborosa e absoluta contradição, à semelhança

do artigo 8.º da Constituição de 1933 que ambos lá estudámos.

O Edgar Valles e eu conhecemo-nos por lá e mantivemos sempre, apesar das distâncias ideológicas, uma relação de fraterna cordialidade.

Ele é mais novo do que eu, e esses anitos poucos, nessa época, pesaram alguma coisa. Fui seguindo com curiosidade o seu percurso político e académico, com a atenção possível. Tanto mais que ele era irmão de uma «estrela» do movimento académico do nosso tempo: a estudante de medicina e dirigente associativa, e não só, Sita Valles. Ela acrescentava à coragem, talento e combatividade que manifestamente tinha o facto de ser muito bonita. O que também, como é obvio, chamava a atenção para a sua militância empenhada contra a ditadura.

Ambos se tornaram rapidamente quadros juvenis, clandestinos (no sentido de não poderem assumir publicamente a condição de militantes) do movimento comunista. No caso deles, da corrente histórica mais importante e com maior tradição no movimento académico português, a do ortodoxo PCP.

Estas histórias são memórias de vida de um jovem verdadeiramente filho do Império, do Minho a Timor. Nascido em Angola, com fortes raízes goesas, e a viver longamente na metrópole desde o início dos seus estudos universitários. São todas bem saborosas e apetitosas em termos de leitura, memória de um tempo que passou. E que deixou a todos nós que o vivemos uma memória gostosa, apesar dos pesares que não foram também poucos. No caso pessoal e familiar do Edgar, bem mais pesados do que os meus. O tempo histórico,

e os ambientes e climas de vida que o Edgar conta de uma forma tão directa, clara e escorreita na sua escrita tão tocante em termos de leitura, é um tempo carregado de surpresas e contradições. Mas que deixou uma memória também cheia de sabores gostosos.

O Império colonial português não pode ser lido hoje numa lógica estritamente maniqueísta carregada de condenações, ou recriminações, preto no branco. Penso que bem pelo contrário e a obra e as histórias do Edgar, na minha opinião, incitam-nos a isso. Atrevo-me a pensar que sou insuspeito em termos de simpatias pelo regime colonial. Mesmo o nosso, que foi o mais longo de todos no mundo. Isto apesar de o meu avô paterno ter sido Ministro das Colónias de um Governo da nossa I República democrática.

A verdade é que a nossa presença colonial e o nosso Império têm singularidades únicas que o distinguem de todos os outros. A começar por termos sido o único Império que transferiu a sua capital da Europa para a mais importante das colónias na época, o Brasil. E não foi por 15 dias; foi por cerca de 15 anos. O nosso Império foi o mais longo de todos no mundo. Fomos por regra os primeiros a chegar e os últimos a sair. E atrevo-me mesmo a pensar que apesar dos muitos pesares que inevitavelmente acompanham todas as presenças coloniais, o saldo em termos comparativos com outras potências coloniais não nos é desfavorável, bem pelo contrário.

Há marcas importantes de miscigenação onde outros escolheram apartamentos e separações. E há marcas patrimoniais, até também no plano cultural, honrosas e que perduram.

O Presidente Sarney, há anos em Brasília, contou-me que, aquando de uma visita de Estado a Angola, o seu colega Eduardo dos Santos se lhe tinha queixado de que os portugueses não tinham deixado nada da sua longa presença colonial.

Sarney ter-lhe-á dito que isso não era verdade. E Eduardo dos Santos terá respondido: «Dê-me um exemplo.» Sarney terá respondido: «Começo pela língua, a nossa língua portuguesa.» E aí Eduardo dos Santos terá dito a Sarney que tinha razão. Considero que a marca que a nossa presença colonial deixou, apesar dos já referidos pesares, e, volto a sublinhar, não foram poucos, é positiva. E este livro e estas histórias, que de forma tão aprazível nos conta o Edgar Valles, são também a prova disso.

Saúdo neste livro e nestas histórias do Edgar Valles a ausência de maniqueísmos redutores e, por regra, de distorções da verdade e da realidade dos factos. Acho que o Edgar vai mesmo bem longe na rejeição desses maniqueísmos que tanto distorceram a forma de ver e ler as coisas noutros tempos. E todos, de uma forma ou de outra, padecemos dessa visão redutora e por vezes sectária de olhar para a vida e as histórias que a marcaram.

Quando o Edgar classifica, e na minha opinião muito bem, o Comunismo como o grande embuste do século xx, está implicitamente a fazer uma autocrítica, e também a demonstrar a coragem de querer olhar para a realidade como ela é, sem lentes distorcidas, venham elas de onde vierem.

O ditador Salazar foi um misógino solitário e um feroz e cruel autoritário. A maior viagem que fez foi uma curtíssima ida e volta de comboio a Paris, de onde veio assustado, talvez

mesmo horrorizado, com a «cidade de perdição», como lhe chamou. Mas, por um lado, foi também curiosamente capaz de dizer aos soldados portugueses, que tinham a tarefa impossível de defender o Estado português da Índia, que o nosso Exército só tinha soldados vitoriosos ou mortos. E, por outro, apesar de nunca se ter ausentado da metrópole, nem sequer para ir à Madeira ou aos Açores, de proclamar, em 1961, quando teve início a Guerra Colonial, a célebre palavra de ordem: «Para Angola rapidamente e em força!»

É à sombra desse *slogan* forte, mas aqui distorcido à maneira dos anos sessenta do século passado, que vos incito a lerem o livro do Edgar Valles, «rapidamente e em força!». Isto é, longamente e com a disponibilidade que se exige para histórias tão saborosas como as dele. São as nossas também.

João Barroso Soares
Sintra, Fevereiro de 2026

INTRODUÇÃO

Este livro, compilando histórias da minha vivência em três continentes, nasce da convicção de que a memória individual tem lugar próprio, autónomo e legítimo, no diálogo com a História.

As páginas que se seguem, sem pretensões literárias ou de reconstituição histórica, não pretendem oferecer uma interpretação do passado colonial português, nem formular juízos definitivos sobre o império e o seu fim. São antes relatos de episódios e peripécias vividos em Goa, Angola e Portugal, registados tal como foram sentidos e compreendidos no seu tempo.

Escrevo a partir da experiência direta, consciente das suas limitações e parcialidades. A memória não é um arquivo neutro: seleciona, simplifica, esquece. Ainda assim, é frequentemente na memória pessoal que se revelam aspetos da História que os grandes relatos tendem a omitir – o quotidiano, as relações humanas, as ambiguidades morais, os silêncios.

Estas histórias são verdadeiras, mas não aspiram a ser exemplares. Não procuram criticar nem louvar, apenas relatar. Entre sombras e luzes, procurei mostrar a realidade dos tempos vividos, sem nostalgia fácil nem julgamento anacrónico.

Nestas pequenas histórias, que remontam até à data mágica do 25 de Abril, não sou o herói nem sequer a personagem

central, em torno da qual os outros assumem papel secundário; longe disso, remeto-me à condição de mero espectador e, por vezes, interveniente, convicto de que tive o privilégio de viver um período extraordinariamente rico da nossa história.

Agradeço ao Manuel S. Fonseca, amigo dos tempos do Liceu Salvador Correia, em Luanda (o melhor liceu do mundo, como tantas vezes refere), a aposta na sua publicação em livro. Ao Artur Lucena, diretor do *Loures Magazine*, o convite à publicação das crónicas ao longo de vários números da revista.

Last but not least, ao João Barroso Soares, por ter aceitado prefaciá-lo este livro. O João ajudou-me em 1977, num período extraordinariamente difícil da minha vida, em que manifestou solidariedade perante os trágicos acontecimentos do 27 de maio em Angola, enquanto outros me viravam a cara...

PARTE I

GOA E ANGOLA

1. A VIAGEM

Nos anos cinquenta do século passado ainda não estava enraizado o hábito de gozar 30 dias de férias anuais. Aliás, o conceito de férias era bem mais restritivo do que é atualmente.

Para os funcionários públicos do quadro técnico do então chamado «Ultramar português», era usual o gozo da licença graciosa, em cada quadriénio, por um longo período de quatro meses. O funcionário podia deslocar-se, com o seu agregado familiar, a qualquer ponto do então extenso e pluricontinental território nacional com viagens pagas pelo Estado.

Naquele longínquo ano de 1956, embarquei, com os meus pais e irmãos, do porto do Lobito, em Angola, para uma viagem marítima que, mais tarde, me pareceu semelhante às de Marco Polo, o aventureiro italiano que chegou à Mongólia. Um verdadeiro périplo: Durban (África do Sul), Beira (Moçambique), Mombaça (Quénia), Carachi (Paquistão), Bombaim (Índia) e, finalmente, Mormugão (Goa). Após a estadia em Goa, retomou-se a viagem, desta vez de regresso, pelo estreito do Suez (Egito), Mediterrâneo e Lisboa. Nova pausa na capital do Império e regresso ao Lobito.

O objetivo dos meus pais era apresentar, em Goa, os três filhos aos avós paternos e maternos, bem como à restante família.